

Interfaces entre o Ensino de História a e História da Educação

Antonio Carlos Ferreira Pinheiro – Universidade Federal da Paraíbaⁱ

Introdução

Este artigo tem sua origem no projeto de pesquisa e extensão, que se encontra em andamento, intitulado “Resgate do processo histórico e cultural dos municípios paraibanos” financiado pela Sesu/MEC/PRACⁱⁱ/UFPB. O projeto se desenvolve com a participação de professores do Departamento de Metodologia da Educação (CE) e do Departamento de História (CCHLA). Os bolsistas são originários dos Cursos de Licenciatura em Pedagogia e em Históriaⁱⁱⁱ.

Um dos objetivos do projeto visa à produção de livros didáticos relativos à história local dos municípios de Guarabira e Pirpirituba, localizados no Agreste do Estado da Paraíba. Para tanto, estão sendo coletados e catalogados documentos escritos, iconográficos além de fontes orais^{iv}. Um dos conteúdos que deverão compor os referidos livros didáticos refere-se à história educacional dos municípios pesquisados. Pretendo analisar a partir dos referenciais da História da Educação, especificamente os aspectos relativos à cultura e a organização escolar e às várias formas de como foi sendo produzido o ensino de história nessas localidades. A pesquisa aponta ainda, aspectos relacionados às compreensões e práticas pedagógicas dos vários sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, neste artigo, devido à exigüidade de páginas, me deterei em analisar, num primeiro momento, a problemática do ensino de história no contexto dos referenciais apontados pela História da Educação e no domínio da História Cultural, uma vez que o referido tema tem sido abordado, prioritariamente, na perspectiva metodológica (como e qual a melhor forma de ensinar os conteúdos de história em sala de aula) e no âmbito das políticas públicas educacionais implementadas pelo Estado brasileiro nas últimas décadas. Num segundo momento, farei uma breve reflexão sobre a elaboração de livros didáticos focados na história local dos municípios de Guarabira e Pirpirituba.

Ensino de História para além das políticas públicas e das discussões sobre os métodos de ensino: a contribuição da História da Educação e da História Cultural

Os estudos desenvolvidos no Brasil que envolvem a problemática do ensino de história são marcados por dois grandes enfoques, quais sejam: os que priorizam os aspectos metodológicos do ensino e os que o analisam na perspectiva das políticas públicas^v. O primeiro enfoque tem centrado a discussão na crítica aos professores do ensino de história do nível básico (fundamental e médio) que permanecem trabalhando os conteúdos de história numa abordagem comumente rotulada de “perspectiva positivista” da história. Embora com menor densidade as críticas também sejam direcionadas para a “perspectiva marxista”, que analisa a história pelo viés reducionista do economicismo.

A partir de contundentes críticas em torno das questões acima referenciadas^{vi}, os historiadores que pesquisam sobre o ensino da história apresentam alternativas metodológicas relativas ao processo de ensino-aprendizagem, isto é, de como o professor pode superar as clássicas perspectivas da história adotando “novas” abordagens, temas e objetos. Esses mesmo críticos sugerem, concomitantemente, um amplo espectro de possibilidades de métodos de ensino a partir da utilização da música, do cinema (vídeo), da televisão, da internet e das artes plásticas e cênicas de uma maneira geral^{vii}.

A outra abordagem centra-se na discussão a respeito das políticas públicas educacionais ou das reformas na estrutura educacional, implementadas pelo Estado brasileiro, que de forma indireta, e muitas vezes direta, atingem o ensino de história. Aqui destacamos a problemática curricular voltada para a formação de professores, a qualidade e as formas de utilização dos livros didáticos de história nas escolas. Este último tema, não raras vezes, é discutido como interface entre política estatal do livro didático e o trabalho cotidiano do professor em sala de aula, aproximando-se, dessa forma, com as questões de ordem teórico-metodológicas e do fazer didático no interior das escolas. Vale ressaltar, todavia, que a abordagem do ensino de história no âmbito das políticas públicas tomou grande dimensão e visibilidade nos anos de 1970/80 quando da criação do curso de

Licenciatura Curta em Estudos Sociais e nos anos de 1990 com a organização e publicação dos PCNs^{viii}.

Se fosse aqui realizar uma reflexão historiográfica da produção em torno das questões acima apontadas abriria um leque de discussão que exigiria muitíssimo tempo. Devo, também, considerar que de certa forma já foram realizadas por muitos estudiosos.

Nesse sentido, aqui tentarei realçar uma outra perspectiva da qual se pode e se faz necessário trabalhar acerca do ensino de história. Entendo, tratar-se de uma abordagem ainda muito pouco desenvolvida pelos historiadores, qual seja: o ensino de história como objeto da História da Educação, que por sua vez, compreendo, poderá ser abordado nos *domínios* da história política, da história econômica da história social e da história cultural. Assim, o ensino de história trabalhado na perspectiva das políticas públicas poderá estar, desde que os utilize os referenciais teórico-metodológicos da história, no domínio da história política e os estudos que dão ênfase aos aspectos metodológicos, poderão se encontrar no domínio da história cultural. É o caso, por exemplos, dos estudos relativos às práticas pedagógicas.^{ix}

Entretanto, a questão do ensino de história como interface da história da educação sugere uma série de dúvidas que precisam ser melhor discutidas, tais como: De que trata realmente essa abordagem? Qual o lugar do ensino de história no campo da História da Educação? Que procedimentos metodológicos são necessários para que o historiador educacional possa dar conta das especificidades dos estudos sobre o ensino de história? Quais as dimensões pedagógicas têm sido compreendidas nas diferentes concepções de História e do seu ensino ao longo do tempo?^x Quais as relações existentes entre as teorias educacionais e o ensino de história? É o ensino de história influenciado somente pelas correntes teórico-metodológicas próprias do campo história ou de seus domínios?

Quanto a essa última questão é necessário, por exemplo, entender se as idéias escolanovistas^{xi} ou a perspectiva tecnicista da educação influenciaram o desenvolvimento de novas metodologias no âmbito do ensino de história?

A busca de respostas para essas questões me parecem fundamentais para a construção do conhecimento em torno do ensino histórico numa perspectiva histórica, isto porque:

“O estudo da história do ensino de História pode esclarecer muito mais do que se imagina sobre as questões que envolvem o trabalho de historiadores e de professores (...). Pensar o ensino de História na sua historicidade significa buscar, se não soluções definitivas, ao menos uma compreensão mais clara sobre o que significa, hoje, ensinar História nas escolas.”^{xii}

Nesse sentido, a minha proposição procura tomar, ou melhor dar maior ênfase à produção intelectual/acadêmica sobre o ensino de história como objeto da história das disciplinas escolares e, portanto, no âmbito da História da Educação. Entretanto, não posso deixar de registrar que mais recentemente alguns historiadores têm pensado a questão do ensino de história como objeto próprio do domínio da História Cultural. Nesse caso destaco o trabalho de Monteiro (2005, p.434) que procura

“discutir contribuições que o instrumento teórico da história cultural pode oferecer para o enfrentamento dos desafios que se apresentam nos processos inerentes ao ensino de História (e a sua pesquisa) que envolve não apenas o domínio de saberes referentes ao passado mas, também, compreensão da historicidade da vida social.”^{xiii}

Considero, ainda, significativo realçar que as discussões sobre o ensino de história tanto no âmbito da História da Educação quanto no domínio da História Cultural buscam superar a negligência de estudos dos historiadores acerca da cultura escolar operada no interior e no cotidiano das instituições educacionais e escolares.

Entretanto, entendo que o ensino de história torna-se mais rico pelas possibilidades de intercruzamento das teorias do campo da história com as teorias pedagógicas ou àquelas produzidas no âmbito da educação. O que me parece é que os estudos sobre o ensino de história, refletidos apenas no domínio da História Cultural, não contemplariam a complexa relação entre história e educação. Aqui, de certa forma, tento dar uma preliminar resposta à questão posta anteriormente, qual seja: a prática do ensinar história no cotidiano escolar sofre influências e recortes teórico-metodológicos apenas do campo da história?

Quero, todavia aqui expressar que não se trata de estabelecermos uma “guerra” entre a educação e a história, mas apenas de contribuir com a riquíssima discussão em torno do ensino de história que passa a ser analisado tomando como ponto de partida as suas diversas temporalidades, levando-se em consideração a sua historicidade, isto é como o ensino de história foi se constituindo e concretizando-se num determinado tempo e espaço social.

São com essas divagações iniciais, de ordem mais teórica, que penso contribuir para a reflexão sobre a elaboração de livros didáticos de história local referentes aos municípios de Guarabira e Pirpirituba.

História local e sua história educacional: o livro didático de Guarabira e Pirpirituba.

A elaboração de livros didáticos é sempre algo que remete a muitos questionamentos. No Brasil os estudos que analisam os livros didáticos de história são volumosos e datam desde o início dos anos de 1950. Entretanto, foi a partir dos anos de 1970 que ocorreu uma “explosão” de estudos voltados para a análise de livros didáticos.^{xiv} As críticas, normalmente, centram-se em duas questões: na seleção de conteúdos que integram o texto e na perspectiva teórico-metodológica adotada pelo(s) autor(es). Esses dois aspectos terminam por anunciar, mesmo que às vezes de forma sub-reptícia, a concepção ideológica e de história do(s) elaboradores da obra. De uma maneira geral às críticas relativas à seleção e organização dos conteúdos remetem a forma sucinta, superficial, levando às vezes a erros e equívocos na leitura e interpretação dos acontecimentos e eventos da história. Um outro aspecto, muito realçado pelos críticos dos livros didáticos são os relativos à periodização, linearidade dos acontecimentos históricos, relação mecânica entre causa e efeito e um maior destaque à história dos vencedores. Nas décadas subseqüentes os estudos se multiplicaram analisando temas/conteúdos específicos como, por exemplo, a análise sobre o descobrimento do Brasil, a Inconfidência Mineira, Independência do Brasil, instauração do regime republicano além dos estudos que analisam os livros didáticos

produzidos durante o regime militar destacando-se o que era possível ser narrado e o que era ocultado. Que conteúdos eram considerados “subversivos” e punham em risco a “segurança nacional”. Há, também, estudos que se dedicaram aos aspectos iconográficos e gráficos que ilustram os livros didáticos. Essas obras são analisadas na perspectiva de identificar os conteúdos nacionalistas e de busca de consolidação de uma única identidade nacional.^{xv} Mais recentemente os estudos sobre os livros didáticos de história têm se detido nas questões étnicas e de gênero. O primeiro sendo alimentado, politicamente, pelos adeptos do movimento negro e o segundo pelos adeptos do feminismo.

Entremeando, todavia essa intensa produção em torno da análise de livros didáticos de história, uma outra questão era posta, principalmente, pelos professores e intelectuais situados fora da Região Sudeste. Trata-se das críticas ao domínio das grandes produtoras do mercado editorial que tentam homogeneizar a distribuição de livros didáticos por todo o país, desconsiderando as especificidades e identidades regionais e locais. Segundo esses críticos os eventos e acontecimentos locais deveriam ser discutidos por professores e alunos no cotidiano escolar. Emerge, portanto, pequenos movimentos locais de historiadores que buscaram produzir livros didáticos tomando como primordial referência os municípios e em menor grau as cidades^{xvi}.

É necessário, contudo, lembrar que existe uma significativa produção de livros sobre a história local, seja sobre as macro/meso ou micro-regiões, seja sobre os municípios ou sobre as cidades. Essa produção historiográfica, normalmente é realizada por intelectuais locais – jornalistas, médicos, advogados, geógrafos, historiadores, ou simplesmente autodidatas. Nos locais aonde existem os institutos históricos e geográficos é comum que seus membros escrevam crônicas e livros sobre seus respectivos “torrões” natais. As obras, ora assumem um caráter memorialista ou meramente descritivo, abundando relações de “personagens ilustres” de nomes de famílias e dos equipamentos sociais existentes no território em estudo. Há, também, aqueles trabalhos que analisam a formação territorial, política e social desde os primórdios, seja a partir dos agrupamentos indígenas (pré-história), seja a partir do processo de colonização.^{xvii}

Retornando a produção de livros didáticos sobre história local, em meados dos anos de 1980, um grupo de historiadores e estudantes do Curso de História, vinculados ao Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional /NDIHR, implementaram um projeto que tinha como um de seus principais objetivos a produção de livros didáticos sobre a história local dos municípios paraibanos. Nesse sentido foram produzidos e publicados os dos municípios de Patos (1985), do Ingá (1993), Cabedelo (1996), Conde (1996) e Areia (1998)^{xviii}. Alguns desses livros receberam apoio financeiro de suas respectivas prefeituras. Em todos os quatro volumes há um capítulo específico sobre as questões educacionais, normalmente, abordada na perspectiva do que hoje comumente chamamos de história do tempo presente. Isso porque a principal fonte utilizada para a constituição textual foram os depoimentos de professores. Com exceção do livro de Patos, que relata brevemente a história do Colégio Diocesano/Colégio Estadual e os de Cabedelo e Areia, que fazem um brevíssimo estudo relativo à história educacional, todos os quatro volumes descrevem as precárias condições das escolas tanto nos seus aspectos físicos quanto os relativos aos materiais didáticos e à formação dos professores.

Assim, esse projeto hoje retomado com o objetivo de produzir livros didáticos relativos à história local de Guarabira e Pirpirituba se coloca como um grande desafio, uma vez que pretende-se dar uma maior ênfase à história da educação desses municípios realizando uma interface com o desenvolvimento do ensino de história. A pesquisa nesse momento encontra-se no estágio de leituras e fichamentos de livros sobre a história da Paraíba na tentativa de retirar informações sobre os referidos municípios. Alguns dados também já foram coletados no Arquivo Histórico do Espaço Cultural.

ⁱ - E-mail acfp@terra.com.br. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em História.

ⁱⁱ - Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários.

ⁱⁱⁱ - São participantes do projeto de pesquisa: Do Departamento de Metodologia da Educação: Severino Bezerra da Silva (coordenador), Vilma de Lurdes Barbosa de Sousa, Suelídia Maria Calaça; Antonio Carlos Ferreira Pinheiro. Do Departamento de História: Regina Célia Gonçalves.

^{iv} - Serão entrevistados professores(as), intelectuais locais, políticos e pessoas mais idosas do povo.

^v - Tenho desenvolvido uma constante discussão sobre essa questão com a Profa. do Departamento de História da UFPB, Cláudia Engler Cury.

^{vi} - Jaime Pinsk e Carla Pinsk no texto: O que e como ensinar: por uma história prazerosa e conseqüente, analisam esse momento histórico com uma tendência a supervalorização do desconstrutivismo. Segundo os autores para o ensino básico o desconstrutivismo “deve ser utilizado com cautela, mesmo que o professor tenha

um grande domínio das versões e dos discursos em jogo e esteja familiarizado com as operações desconstrutivistas. Só a desconstrução não basta (além do vazio provocado, deixa um gostinho de insatisfação e niilismo no ar – no limite, supervaloriza o relativismo e tira o poder das mãos dos sujeitos históricos; é preciso que os alunos tenham acesso a algum conteúdo histórico e que entendam sua contextualização.” Ver em:

KARNAL, Leandro (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e proposta**. São Paulo: Contexto, 2003.
vii - Consultar trabalhos de FRANCO, Alexia Pádua (coord.). **Álbum musical para o ensino de história e geografia no 1º grau**. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, 1995; BEHAR, Regina Maria Rodrigues. **O uso do vídeo no ensino de história**. João Pessoa, PB: Universitária da UFPB. 2000; NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999 (como usar na sala de aula); MARCONDES, Beatriz, MENEZES, Gilda e TOSHIMITSU, Thais. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2000.

viii - Nesse período ocorreu um grande envolvimento de historiadores e geógrafos e das suas respectivas associações: ANPUH e AGB. Entre outros trabalhos escritos sobre a temática destaque o de NADAI, Elza. **Estudos Sociais no primeiro grau**. In: **Em Aberto**, Brasília, ano 7, nº37, jan/mar. 1988.

ix - Entre os historiadores da educação tem se desenvolvido mais recentemente estudos relativos à *cultura escolar* que Dominique Juliá no seu trabalho *A Cultura escolar como objeto histórico*, assim define: “conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).” **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, SP: Sociedade Brasileira de História da Educação e Autores Associados, nº 1, jan/jun 2001.

Um dos primeiros trabalhos que abordou a questão do ensino de história numa perspectiva histórica é o livro de BALDIN, Nelma. **A história dentro e fora da escola**. Florianópolis, SC: UFSC, 1989. Ver principalmente o capítulo 2.

x - Ver trabalho de MONTEIRO, Ana Maria F. C. *Ensino de história e história cultural: diálogos possíveis*. In: SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda Baptista e GOUVÊA, Maria de Fátima Silva (org.). **Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 2005. p. 434.

xi - Jonh Dewey, em seu livro, **Educação e Democracia**, escrito em 1916, destinou um capítulo sobre o ensino de história e geografia, apontando novos procedimentos de ensino.

xii - FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História e ensino de História**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003, p.7.

xiii - Monteiro, *op.cit.*

xiv - É importante lembrar o livro de Maria de Lourdes Chagas Deiró intitulado **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. Originalmente, dissertação de mestrado defendida, em 1978, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Apesar do trabalho não analisar livros didáticos para o ensino de história, serviu como grande “modelo” para os trabalhos que se sucederam, tanto para o ensino de língua portuguesa, ensino de história, de geografia e biologia.

xv - Cf. PINSKY, Jaime (org.) **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo, SP: Contexto, 1988. BITTENCOURT, Circe (org.) *O saber histórico em sala de aula*. São Paulo, SP: Contexto, 1997. SIMAN, Lana Mara de Castro e FONSECA, Thais Nívia de Lima Fonseca. **Inaugurando a História e construindo a nação: discursos e imagens no ensino de História**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

xvi - Temos informação que semelhante tipo de produção de livro didático é realizado nos Estados do Paraná e São Paulo.

xvii - Estudos e pesquisas ainda precisam ser desenvolvidos pelos historiadores acerca dessa produção historiográfica. Essas obras são extremamente importantes porque fornecem uma significativa indicação de fontes e referências bibliográficas.

xviii - São autoras dos livros **Uma História de Cabedelo** e **Uma História do Conde**: Maria Helena Pereira Cavalcanti, Regina Célia Gonçalves, Rossana de Souza Sorrentino, Suelídia Maria Calaça e Vilma de Lurdes Barbosa de Sousa. Do livro **Uma História do Ingá**: Maria Helena Pereira Cavalcanti, Regina Célia Gonçalves, Rossana de Souza Sorrentino e Vilma de Lurdes Barbosa de Sousa. Do livro **Uma História de Areia**: Alexandre Felipe Fiúza, Regina Célia Gonçalves, Rossana de Souza Sorrentino, Severino Bezerra da Silva e Vilma de Lurdes Barbosa de Sousa. No livro **História de Patos**, não há autoria apenas os nomes da equipe: Geralda Medeiros Nóbrega (supervisão em Patos), Joana Neves, Therezinha Gloriete Pimentel Rodrigues e Felicidade Lúcio Ribeiro (Coordenação Didático-pedagógica), Manoel de Souza Oliveira (pesquisa e elaboração de textos), Regina Célia Gonçalves (pesquisa documental).